



Reversing the genealogies of unsuccess, 16th-19th centuries

H2020-MSCA-RISE-GA-823998

**MIAS**  
Madrid Institute  
for Advanced Study



# Na vida de um missionário

---

*Miguel LOURENÇO*

*Universidade Nova de Lisboa*

Na vida de um missionário, a morte pode ser uma expectativa. Quem, na Europa do século XVII, se educa num colégio de uma ordem religiosa com a perspectiva de vir a ser escolhido para ser enviado a uma das inúmeras missões mantidas por jesuítas, dominicanos, franciscanos ou agostinhos em todo o mundo, não cultiva – única ou necessariamente – a ideia de um apostolado para transmitir a fé católica. Para estes jovens, a morte pode ser, em si mesma mobilizadora, em virtude da convicção enraizada de que o sacrifício em testemunho de Cristo – o martírio – reforçava os fundamentos das comunidades cristãs nascentes. Assim sucedeu durante a primeira metade de Seiscentos, quando inúmeros jovens noviços manifestaram a sua disponibilidade para rumar ao Japão e participar na salvação de uma comunidade perseguida pelo shogunato dos Tokugawa. A morte, na cultura dos missionários da primeira fase das missões globais, não é um fracasso.

Já a impossibilidade de lograr a morte, ao invés, pode vir a sê-lo. O Japão entusiasmara as mentes mais letradas do século XVI quando missionários, mas também escritores, insinuaram a possibilidade de uma rápida e total conversão dos japoneses ao catolicismo. A expulsão dos missionários no primeiro quartel do século XVII e as perseguições que se lhe seguiram foram uma experiência traumática para quantos se encontravam empenhados ou vinculados ao esforço de conversão do Japão. A entrada em solo japonês foi, para muitos, mais que uma vontade ou uma ambição, um desígnio que perseguiram com persistência e determinação, contra todas as contrariedades impostas ao seu caminho.

Veja-se o caso de Mateo Cebrián, nascido na cidade ducal de Gandía nos começos do século XVII. Educado na Companhia de Jesus, Mateo correspondeu-se insistentemente com o seu superior-geral para ser autorizado a rumar ao Japão.

Primeira contrariedade, desalentadora: o nosso jovem foi atribuído à província do Malabar, onde o aguardariam décadas de serviço em qualquer uma das suas missões, entre o Sudoeste indiano e o arquipélago das Molucas, na actual Indonésia Oriental. Uma experiência pessoal – segundo o relato escrito na primeira pessoa – de morte e ressurreição por intercessão de S. Francisco Xavier, Mateo logrou, uma vez chegado à Ásia, autorização dos seus superiores da província do Malabar para viajar a Macau. Daí poderia partir para o Japão, caso obtivesse ordem das autoridades máximas dessa província da Companhia de Jesus para o fazer e cumprir aquilo que anunciava como a sua missão providencial, o motivo e justificação da sua ressurreição: converter o



Reversing the genealogies of unsuccess, 16th-19th centuries

H2020-MSCA-RISE-GA-823998



imperador do Japão, sofrer o martírio e – por via desse testemunho – assegurar a restauração da cristandade japonesa.

Mas, se a experiência transcendental que conferiu a Mateo uma aura de excepcionalidade religiosa o permitiu contornar estes primeiros entraves ao seu desígnio, uma vez chegado a Macau, nova contrariedade: apesar de um acolhimento favorável junto das autoridades jesuíticas na cidade, uma divisão no seio da Companhia de Jesus e o levantamento da população contra a partida de Mateo para o Japão impossibilitou a sua viagem. O receio de que a sua ida prejudicasse as relações comerciais que os mercadores mantinham com o arquipélago, devido às proibições de transporte de missionários imposta pelas autoridades japonesas, feriu o projecto de morte.

Nova contrariedade: não só Mateo ficava impedido de viajar, como era expulso da cidade, a sua tutela confiada ao comissário do Santo Ofício de Macau, então de partida para Goa, sede da Inquisição na Ásia. Aí deveria ser entregue para que o Santo Ofício pudesse inquirir sobre as extravagâncias dos seus relatos de morte e ressurreição.

Não aconteceu assim, imediatamente. Mateo acabou por ser libertado em Bengala, iniciando um périplo pelo Sueste Asiático que o levou a Malaca, às Molucas, às Filipinas, ao Laos e, enfim, a Macassar, onde foi novamente preso. Sucede, então, a sua quarta contrariedade: enviado a Goa, foi processado pelo tribunal, que o desterrou para os domínios portugueses da África Oriental. Mateo Cebrián transitara pelos mares do Sul da China, na expectativa de uma circunstância, uma eventualidade que o conduzisse ao ambicionado arquipélago.

Nos antípodas de um possível acesso ao Japão, no outro extremo dos circuitos de comunicação portugueses do vice-reino da Índia, Mateo foi por uma segunda vez conduzido ao Santo Ofício, por denúncias de que lançava sortes e procurava adivinhar o futuro. De regresso a Goa, confrontado pelos inquisidores, Mateo entregou-se, em aparente descontrolo à narração de várias visões de sentido escatológico, que insinuavam o seu protagonismo no final dos tempos. Foi condenado, entre outras penas, a cárcere perpétuo.

O fracasso, no sentir de um missionário, assumiu, seguramente várias formas. A vida de Mateo Cebrián ilustra um percurso animado por um sentimento profundo de propósito: um caminho ao qual foram impostas adversidades difíceis de contrariar, e que apenas a persistência e determinação do jesuíta permitiram, contra todas as expectativas, superar. A Inquisição foi o último e insuperável obstáculo que selou o insucesso do seu acalentado e acarinhado desígnio.